

ZILÁ BERND

Tributo a Alfredo Bosi

“Nenhum ser vai para o nada”. (Alfredo Bosi, 2017)

Professora presta homenagem a professor e crítico morto neste mês

COMPANHIA DAS LETRAS / DIVULGAÇÃO / SCP



Bosi foi ensaísta e integrante da Academia Brasileira de Letras, reconhecido pela militância social, cultural e ambiental

Em nota, distribuída pela internet, sobre o falecimento do professor e crítico literário Alfredo Bosi, vítima de Covid-19, em 7 de abril de 2021, a Associação Brasileira de Linguística assim se manifestou: “Alfredo Bosi é considerado um dos maiores críticos literários do Brasil e do mundo. Aposentou-se como professor titular de literatura brasileira da Universidade de São Paulo (USP). Foi ensaísta e integrante da Academia Brasileira de Letras, sendo reconhecido por sua militância social, cultural e ambiental, por ter sempre apoiado as lutas pela redemocratização do país e defendido a redução das desigualdades sociais, os princípios éticos e de liberdade de pensamento e pesquisa da universidade, o respeito às tradições culturais populares, a valorização do ensino básico e de seus profissionais”.

Justa homenagem a uma figura exponencial da intelectualidade brasileira, digno representante da USP, universidade que sempre se destacou por abrigar grandes figuras do mundo literário brasileiro como Antonio Candido, Leyla Perrone-Moisés, José Miguel Wisnik, Décio de Almeida Prado, Antonio Dimas, José Aderaldo Castello, Flávio Aguiar e tantos outros que revalorizaram, com suas pesquisas, o patrimônio literário brasileiro, para além de manterem postura independente na defesa dos direitos da pessoa durante períodos de repressão e ditadura militar.

Uma universidade que me acolheu generosamente para um programa de doutorado em Letras, do qual muito me orgulho e cujos ensinamentos contribuíram para fertilizar minha carreira como professora universitária e como pesquisadora nessa área. Uma das figuras de proa de meu aprendizado foi o professor Alfredo Bosi que todos já conhecíamos por sua famosa “História Concisa de Literatura Brasileira”, prodígio editorial que teve cerca de 52 edições, entre 1970 e 2017.

Essa obra tornou-se um verdadeiro ícone, constituindo-se em referencial teórico indispensável aos estudantes de Literatura Brasileira em todos os níveis. Depois de ter estudado a fundo a Literatura Italiana, Bosi volta-se para a Literatura Brasileira, revisitando-a de seus primórdios, no período colonial, até as tendências contemporâneas, passando pelos ecos do Barroco, pela Arcádia e Ilustração, o Romantismo, o Realismo, o Simbolismo, o Pré-modernismo e o Modernismo. Trabalho de fôlego de mais de quinhentas páginas, tendo como fundamentação teórica autores como Benedetto Croce, Antonio Gramsci e Hans Robert Jauss com sua estética da recepção. O livro apresenta a Literatura Brasileira a partir de uma perspectiva cronológica, fornecendo exemplos das obras de praticamente todos os autores analisados e apresentando aos

leitores ampla bibliografia para cada um dos períodos que compõem a volumosa obra.

Todas, entre as inúmeras obras que publicou, como “O ser e o tempo na poesia” (1983), “Machado de Assis: o enigma do olhar” (2006), “Literatura e resistência” (2002), “Céu e inferno: ensaios de crítica literária e ideológica” (1998), “Reflexões sobre a arte” (1985), revelam sua intensa atividade intelectual que ia da crítica literária, às artes, às questões filosóficas e ideológicas. No âmbito da literatura transitava entre as literaturas italiana e brasileira, estabelecendo perspectivas comparadas com a literatura universal, com

exemplos tirados de Shakespeare, Camões, Racine, Verlaine, Whitman, revelando grande intimidade com ficcionistas, poetas e teóricos de diferentes latitudes. Era detentor de uma cultura enciclopédica, sendo capaz de estabelecer relações com poéticas de diferentes épocas, apresentando suas conclusões originais de forma didática, acessível e, eu diria, muito saborosa. Era um verdadeiro mediador entre a cultura clássica e a popular que ele continuamente revalorizava em suas obras.

De toda a sua imensa produção intelectual, destacaria de modo muito especial a Dialética da colonização, editada pela

Companhia das Letras em 1992. Partindo da origem etimológica e histórica dos termos Colônia, culto e cultura, realiza um percurso sui generis pela história do pensamento brasileiro, analisando as obras de Vieira, Anchieta, Antonil, Alencar e dessembocando na construção de um projeto que vai falar de “culturas brasileiras” no plural, apontando para a qualidade plural da cultura, para questões como a diversidade, sendo, assim, um precursor dos movimentos de representificação de poéticas ausentes que estamos vivenciando nos dias atuais.

Distinguindo habilmente cultura erudita, cultura de massa e

cultura popular, destaca “o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em microescalas, no interior da rede familiar e comunitária, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos” (1992, p. 329). Não estabelece hierarquias entre cultura erudita e popular, destacando a importância de autores que inscrevem o popular em suas produções que trafegam na esfera da cultura erudita, como Villa-Lobos, na música, João Guimarães Rosa, no romance, e Portinari, na pintura.

Obras como a “Dialética da Colonização” chamam a atenção para importância da preservação da memória ancestral já que a “possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz nas mediações simbólicas. É o gesto, o canto, a dança, o rito, a oração, a fala que evoca, a fala que invoca” (2017, p. 15). Seriam, portanto, essas forças, que se originaram em outros tempos, que irão constituir as bases de nossa identidade cultural.

Partindo da Literatura Italiana e depois mergulhando profundamente no estudo da Literatura Brasileira, volta, mais recentemente, a seu amor antigo publicando o livro “Arte e Conhecimento em Leonardo da Vinci”, publicado em 2017, onde tenta reconstituir a imagem desse imenso e proeminente artista “para descobrir os vínculos entre a originalidade de sua arte e a ousadia de seu pensamento científico”.

Alfredo Bosi recebeu em sua vida muitas honrarias como ser aceito na Academia Brasileira de Letras, ter se tornado professor Emérito da USP, entre outras, mas não deixava de se orgulhar por ter sido convidado para falar sobre São Francisco de Assis pela Escola de Samba Unidos do Parque Aeroporto de Taubaté, fornecendo o tom do samba enredo ao salientar o amor de São Francisco pela natureza, destacando as investidas contra a natureza praticadas pela ganância do homem-lobo. São Francisco, padroeiro da cidade de Taubaté, foi o homenageado do Carnaval de 2019. Os organizadores do desfile foram orientados pela visão de Alfredo Bosi que era extremamente sensível à figura de Francisco, nascido em Assis, na Itália.

Desde a perda da esposa, também ensaísta, Ecléa Bosi, estava debilitado, vindo a contrair a doença que já levou mais de 350 mil brasileiros. Em texto divulgado pela internet, homenageando seu avô, o neto de Alfredo Bosi, finaliza sua despedida, citando uma frase de João Nogueira com a qual nos identificamos todos que fomos alunos e/ou leitores do grande mestre que acaba de nos deixar: “Bosi vive agora em nossas casas, bibliotecas e mentes e também em nossos corações”.

* Pesquisadora I/CNPq. Professora. Unilasalle.